



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

BÁRBARA MENEGHETTI

**O CORPO-MERCADORIA NA SOCIEDADE DO CONSUMO: UM ESTUDO A
PARTIR DA TEORIA CRÍTICA**

**PALMAS – TO
2018**

BÁRBARA MENEGETTI

**O CORPO-MERCADORIA NA SOCIEDADE DO CONSUMO: UM ESTUDO A
PARTIR DA TEORIA CRÍTICA**

Trabalho conclusão de curso apresentada à UFT-
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Palmas para obtenção do título
Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr.
Paulo Sérgio Gomes Soares.

**PALMAS – TO
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M541 c Meneghetti, Bárbara .

O corpo-mercadoria na sociedade do consumo: Um estudo a partir da Teoria Crítica . / Bárbara Meneghetti. – Palmas, TO, 2018.

36 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Filosofia, 2018.

Orientador: Paulo Sérgio Gomes Soares

1. Filosofia . 2. Teoria Crítica. 3. Corpo-mercadoria. 4. Mercantilização da vida. I. Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

TERMO DE APROVAÇÃO

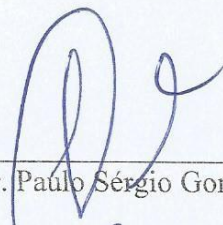
O CORPO-MERCADORIA NA SOCIEDADE DO CONSUMO: UM ESTUDO A PARTIR
DA TEORIA CRÍTICA

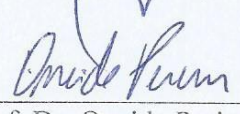
Bárbara Meneghetti

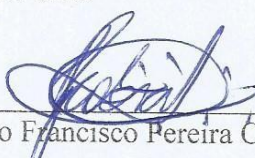
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Graduado no Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Tocantins.

BANCA

Orientador Presidente:


Prof. Dr. Paulo Sérgio Gomes Soares (Orientador)


Prof. Dr. Oneide Perius


Prof. Dnd. João Francisco Pereira Cabral

Palmas
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família. Mãe, pai, mana muito obrigada por estarem ao meu lado nessa jornada. A importância de vocês por esses longos anos não me deixaram desistir.

Agradeço a todos os professores do Colegiado de Filosofia pelos ensinamentos.

E agradeço principalmente ao meu orientador Dr. Paulo Sérgio Gomes Soares, pela imensa dedicação e paciência. Sem sua ajuda esse trabalho não existiria.

RESUMO:

O objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar a ideia de corpo como mercadoria, não pela superexploração do trabalho, mas pela supervalorização na cultura do consumo. A Teoria Crítica de Herbert Marcuse permite analisar a transformação do corpo em mercadoria através da racionalidade tecnológica que preconditiona a subjetividade dos indivíduos, produzindo o fenômeno da mimese ou identificação imediata com a sociedade capitalista. O universo da racionalidade tecnológica pensada por Marcuse deixa explícita a ideia de que a conquista da natureza pela ciência não se limitou a isso, estendendo-se para o corpo, isto é, a conquista da natureza conquistou os indivíduos cientificamente a ponto de condicionar as subjetividades e moldar as necessidades físicas, fisiológicas e psicológicas às conquistas da ciência para reprodução do capital. Constata-se que o corpo, no contexto do capitalismo, ganha *status* de mercadoria que precisa consumir mercadorias para manter um padrão de aceitabilidade como uma conquista da sociedade industrial se realizando. A história do corpo foi analisada a partir de uma pesquisa teórica que envolveu perspectivas de autores de diferentes áreas do conhecimento, possibilitando que se verificasse que tais autores também observam o fenômeno do corpo tornando-se uma mercadoria em diferentes momentos da história, desde o século XIX. O corpo foi visto como um objeto passível de sofrer transformações pela técnica para atender às necessidades e os interesses conforme os diferentes fins. O método para análise é a Teoria Crítica, cuja perspectiva busca evidenciar as contradições sociais, no caso, as contradições observadas no corpo-mercadoria na sociedade de consumo.

Palavras-chave: Filosofia. Teoria Crítica. Ideologia. Corpo-mercadoria. Cultura do consumo. Mercantilização da vida.

ABSTRACT:

The objective of this Course Final Assignment is to present the idea of a body as a commodity, not because of the labor overexploitation, but for the overvaluation in the consumption culture. The Critical Theory of Herbert Marcuse allows to analyze the body transformation into merchandise through the technological rationality, that preconditions the subjectivity of the human person, which generates the mimesis phenomenon or immediate identification with the capitalist society. The technological rationality alleged by Marcuse makes explicit the idea that the conquest of nature by science was not limited to this, extending to the body, namely, the subjugation of nature scientifically conquered individuals to the point of pre-empt subjectivities and shape the physical, physiological, and psychological needs to the achievements of science for the capital reproduction. The body, in the context of capitalism, receives the status of a commodity that needs to consume goods to maintain an acceptability standard as a taking place industrial society achievement. The history of the body was analyzed from a theoretical research that involved perspectives of authors from different areas of knowledge, making it possible to verify if these authors also observe the phenomenon of the body becoming a commodity in different moments of history, since the XIX century. The body was perceived as an object capable of undergoing transformations by technique to meet the needs and interests according to the different purposes. The method for analysis is the Critical Theory, whose perspective seeks to highlight the social contradictions, in this case, the contradictions spotted in the body-commodity within the consumer society.

Keywords: Philosophy. Critical Theory. Ideology. Body-commodity. Consumption culture. commodification of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
------------------------	----------

CAPÍTULO I HISTÓRIA DO CORPO NO SÉCULO XX

1. Do corpo anormal ao corpo medicalizado.....	9
2. Do corpo ordinário ao corpo sexuado.....	13
3. Do corpo treinado ao corpo modificado.....	17

CAPÍTULO II A RACIONALIDADE TECNOLÓGICA E AS FALSAS NECESSIDADES

1. Consciência livre transformada em consciência dominada.....	20
2. O condicionamento para as falsas necessidades.....	25
3. História da beleza e a mercantilização do corpo.....	26

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
----------------------------------	-----------

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
--	-----------

INTRODUÇÃO

O objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar a ideia do corpo como mercadoria, não pela superexploração do trabalho, mas pela sua supervalorização na cultura do consumo. A Teoria Crítica do filósofo alemão Herbert Marcuse permite uma análise do corpo transformado em mercadoria pela identificação da subjetividade com o aparato tecnológico externo a si como produtor da realidade.

A ideologia nas sociedades industriais em relação à mudança de pensamento sobre o corpo tem relação estreita com a reprodução do capitalismo em seu atual contexto histórico. O capitalismo é um sistema de dominação que cria novas formas de controle e estilo de vida.

Desse modo, o progresso técnico interfere no livre desenvolvimento das faculdades humanas e provoca uma transformação na esfera das necessidades, que são condicionadas pelo próprio mercado. Constata-se que o corpo, nesse contexto, ganha *status* de mercadoria que precisa consumir mercadorias para manter um padrão de aceitabilidade como uma conquista da sociedade capitalista se realizando.

O corpo atraiu para o seu entorno um mercado empresarial que transformou as necessidades vitais e a luta pela existência num falso bem estar pelo caminho da falsa liberdade em virtude da falsa consciência. Metodologicamente, procurou-se expor as contradições que envolvem o corpo, no sentido de evidenciar que toda e qualquer suposta melhoria na estética, na saúde, etc. está intimamente ligada com a reprodução do próprio sistema capitalista, o que permite questionar se o corpo pertence ao indivíduo ou se é um produto – uma mercadoria –, forjada pelo mercado em seus diferentes momentos históricos.

O universo da racionalidade tecnológica pensada por Marcuse deixa explícita a ideia de que a conquista da natureza pela ciência não se limitou a isso, estendendo-se para o corpo, isto é, a conquista da natureza conquistou os indivíduos cientificamente a ponto de condicionar as subjetividades e moldar as necessidades físicas, fisiológicas e psicológicas às conquistas da ciência para reprodução do capital. Essa é a ideologia da racionalidade tecnológica desenvolvida na esfera das necessidades, que conduz à padronização e a administração da vida.

A transformação do corpo pela técnica, em seu estágio atual, projeta a nova organização social da sociedade industrial a partir da racionalidade tecnológica para reproduzir o sistema. A história do corpo foi analisada a partir de uma pesquisa teórica que envolveu perspectivas de autores de diferentes áreas do conhecimento (COURTINE, 2004-2014; COUTO, 2007; SANT'ANNA, 2004-2014), possibilitando que se verificasse que tais

autores também observam o fenômeno do corpo se transformando em mercadoria nos diferentes momentos da história, desde o século XIX.

O primeiro capítulo explora a ideia do corpo anormal como espetáculo; o corpo como objeto da ciência médica; a passagem do corpo ordinário ao corpo sexuado desvelado pela mídia e pelo entretenimento; o corpo treinado e modificado pela técnica; o corpo mercadoria enquanto trabalho utilizado para a manutenção e reprodução do capital.

O segundo capítulo explicita a fundamentação teórica com os principais conceitos para análise, conforme o pensamento do filósofo Herbert Marcuse, como o conceito de racionalidade tecnológica que, ao tornar-se racionalidade política, serve ao propósito da dominação dos indivíduos pelo sistema.

Desse modo, procurou-se frisar as contradições desses diferentes momentos históricos do corpo, pelo olhar do materialismo histórico e dialético inerente ao olhar da Teoria Crítica do filósofo Herbert Marcuse.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DO CORPO NO SÉCULO XX

1. Do corpo anormal ao corpo medicalizado.

O antropólogo francês Jean-Jacques Courtine, em texto intitulado —O desaparecimento dos monstros¹, relata uma cena vista num metrô em Paris que lhe chamou a atenção e o levou a propor questões que deram origem a um projeto de livro que precisou de uma vasta pesquisa histórica —sobre o espetáculo dos monstros² no espaço público. A cena do metrô traz um homem carregando um pacote que cai ao chão num dos vagões —um monstro irrompeu subitamente³ — era um homem sem pernas, um —homem-tronco⁴, que andava apenas com o auxílio dos braços. A cena produziu uma transformação nos passageiros, uns procurando não olhar, escondendo-se atrás dos jornais que liam, ou olhavam para o teto para evitá-lo, outros mobilizavam-se para sair do vagão, mas o fato é que a cena desencadeou um —pânico silencioso⁵.

O autor quis compreender as origens do embaraço nas pessoas - o que tinha produzido tal reação de afastamento e esquivas, considerando que se deveria ter uma atitude de solidariedade e não de repulsa. —De onde vinha, então, essa emoção súbita diante daquele corpo disforme?⁶

A pesquisa histórica teve início nesse contexto e suas origens estão nas feiras de diversões parisienses do século XIX.

[...] por volta de 1880, que se entra nesta história. É então, com efeito, que atinge o ponto máximo a exibição do anormal, elemento central de um conjunto de dispositivos que fazem da exposição das diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano o suporte essencial de espetáculos onde se experimentam as primeiras formas da indústria moderna de diversão em massa. (COURTINE, 2008, p. 256)

O comércio dos monstros saiu das periferias e passou a fazer parte do cotidiano de Paris, que devido ao crescimento do comércio desse tipo de diversão, ficou conhecida como capital da curiosidade.

Conforme o autor, tudo que possuía um —fundo de anormalidade⁷ fazia parte desses shows, até diferenças raciais eram expostas e se confundia o disforme com o etnicamente distante, o monstro com o selvagem. Existia, em 1856, o museu do doutor Spitzner em Paris, onde havia imagens monstruosas de cera — fetos mal formados e diferentes tipos de deformidades físicas - distribuídas nas seções de etnologia e teratologia. —Nos confins de uma

antropologia ingênua, de uma feira de órgão e de um museu dos horrores, o espetáculo dos monstros rendia muito dinheiro (COURTINE, 2008, p. 256).

Além das apresentações das feiras ao ar livre, também se apresentavam as deformidades no fundo de bares, tornando-se uns dos objetos comerciais mais lucrativos da época. Esse comércio não se limitou na França, na Inglaterra também esse comércio do corpo humano acontecia, mas com algumas características próprias. A procura por esse tipo de divertimento não enfraqueceu na segunda metade do século XIX, mas se fortaleceu e expandiu com as estradas de ferro. As exposições eram realizadas em parques de diversões durante o dia. Nos Estados Unidos, em Nova Iorque, um museu de entretenimento fundado em 1841, por Phineas Taylor Barnum, tornou-se uma das atrações mais visitadas do mundo na época, chegou a passar por lá mais de 41 milhões de pessoas.

Havia, sem dúvida, nas cidades norte-americanas de antes da Guerra da Secessão, museus de curiosidades que apresentavam coleções de história natural com o objetivo de educação popular. Coexistiam com *freak shows* que percorriam, por sua parte, toda a gama das anomalias do corpo humano em uma grande desordem taxonômica. Barnum soube fundir os dois tipos de estabelecimento em um só lugar de diversão, capaz de saciar a sede de distração de uma população nova-iorquina em pleno crescimento [...]. (COURTINE, 2008, p. 266).

Evidentemente, despontava um novo modelo de espetáculo para as massas em meio ao desenvolvimento industrial — uma espécie de Disneylândia da teratologia — que gerava lucro, em princípio microeconômico. — Depois dele, torna-se um produto que dispõe de um considerável valor agregado, comercializável em um mercado de massa, que satisfaz uma demanda crescente e desperta sem cessar novos apetites do olhar (COURTINE, 2008, p. 267-268). Na França, esse fenômeno era como um estágio artesanal que os americanos souberam transformar numa indústria da bizarrice.

A curiosidade ao anormal perdurou até meados da Primeira Guerra Mundial. Segundo Courtine, (2008 p. 262), ocorreu um esgotamento da sociedade por esse tipo de espetáculo, porque houve uma mudança de olhar sobre os corpos anormais que deu lugar ao olhar médico. A modernidade da época produzia uma cultura tímida de aceitação do indivíduo anormal, já que ao invés de espetáculo se tornou objeto de estudo científico. As anormalidades começaram a ser vistas como enfermidades.

Na França a decadência desse fenômeno se tornou candente na seguinte descrição: quando Batista Tocci, que era pai de gêmeos siameses, foi atrás de uma autorização para a apresentação dos filhos em Paris e recebeu a seguinte resposta de uma autoridade municipal: — A meu ver, essas monstruosidades não devem ser expostas ao público. Trata-se de um assunto que interessa unicamente à faculdade de medicina. Sendo assim:

Uma ciência autônoma das anomalias da organização reordena, de ponta a ponta, o modo de pensar o monstruoso. Abala o olhar posto sobre o corpo anormal, e formula respostas inéditas a questões muito antigas. Acabou definitivamente a concepção, com efeito, da monstruosidade como manifestação diabólica ou divina, aberração curiosa, produto grotesco dos delírios da imaginação feminina, fruto incestuoso das relações entre o homem e o animal. _A monstruosidade não é mais uma desordem cega, mas outra ordem igualmente regular, igualmente subordinada à leis: o monstro obedece à lei comum que rege a ordem do ser vivo. Nela se acha duplamente inscrito. Por um lado, o desvio monstruoso é relacionado com a normalidade da espécie por um nexo que, ainda por cima, vai explicar sua gênese. (COURTINE, 2008, p. 289).

O comércio do corpo anormal passou a não dar mais lucro. Desse modo o monstro ganhou outro lugar para gerar lucros: o cinema. Com a ilusão de ótica ganhavam vida como fantasmas, vampiros, mulheres sem cabeça, lobisomens, Frankenstein, King Kong, Doutor Jekyll (o médico e o mostro). Nesse sentido, segundo Courtine, a mudança sensível sobre diversões exóticas e prazeres mórbidos ocorreu no século XX.

O século XX como um todo ficou conhecido pelo homem ter o direito à saúde. Esse movimento se dá pela vitória da medicina sobre o corpo. Porém, o direito promoveu mudanças no comportamento, como censura aos prazeres e uma série de recomendações de como viver. Conforme Moulim (2008, p.15), a história do corpo no século XX revela que a experiência do homem sobre a vida e a morte mudou, sobretudo devido ao avanço da medicina em tempos de guerra, sem equivalência vista antes. O sofrimento passou a ser abreviado pela cientificidade da medicina e os tratamentos se tornaram mais ágeis para que o paciente voltasse para —o *front*, para a escola, para a fábrica ou para o escritório|| (MOULIN, 2008, p.17).

A doença nas crianças se tornou mais rara, pelo motivo da vacinação promover a prevenção, além de ser hoje em dia obrigatória. A expectativa de vida alcançou parâmetros nunca experimentados na humanidade. Segundo a autora, a doença se diluiu, não só em questões estritamente médicas, mas no quesito espacial. Os hospitais eram vistos como focos de doenças e infecções, mas durante o século XX foram construídos em ruas comerciais.

Dessa maneira, no século XX a anormalidade deu lugar à enfermidade e, posteriormente, a diferença entre estar doente e saudável dissolveu-se. A saúde e a doença não se constituem mais como opostos, mas como parte um do outro, a ponto de se poder dizer que estar doente significa estar vivo.

A preocupação extrema com a saúde possibilitou, em 1949, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelecesse o direito do homem à saúde. A medicina encontrou nos poderes públicos um forte aliado e, sendo assim, a saúde entrou em outro patamar,

tornando os médicos —intermediários obrigatórios da gestão dos corpos presos em uma rede de obrigações em concordância com os grandes acontecimentos da socialização: entrada na escola, serviço militar, viagens, escolha de uma profissão (MOULIN, 2008, p. 18). O modelo de socialização institucionalizado ofusca a coerção sobre o corpo.

O médico tornou-se um perito em assuntos tanto públicos como privados, pois parecer estar bem de saúde se tornou um pré-requisito dessa sociedade. Com o desenvolvimento da medicina preventiva se podia —prever o futuro, considerando que antes de se ficar doentes era possível o tratamento com recomendações médicas, verificando as predisposições genéticas, ambientais, culturais, etc., para as doenças, que ganharam dimensões abstratas diante da probabilidade.

Tanto quanto pela diluição da enfermidade no espaço indefinido dos corpos, a modernidade se caracteriza pela solidão dos indivíduos, forçados a enfrentar aquilo que não se sabe mais nomear, a doença e a potencialidade de morrer se encerra. Os antropólogos constataram isto, integrando a doença sob uma nova rubrica, a infelicidade. (MOULIN, 2008, p. 21).

Outra categoria se formou com o avanço da medicina - as doenças crônicas: diabetes, hipertensão, reumatismo, cânceres, problemas cardiovasculares, etc. Essas doenças incuráveis sustentam o trabalho dos médicos de forma praticamente vitalícia. O que é comum a todas essas doenças são os procedimentos de sobrevivência que a medicina proporciona.

No fim, os pacientes se tornam parceiros dos peritos (médicos), aprendendo a lidar com a maquinaria (aparelhos de pressão, seringas, etc.). Mas não só o médico está nessa equação, o engenheiro se tornou peça chave nessa nova fase da medicina, pois se pode prolongar a vida através das máquinas (MOULIN, 2008, p. 39).

As máquinas compensam funções corpóreas que não estão funcionando bem como, por exemplo, os rins quando há insuficiência renal e os pulmões com as doenças respiratórias. Pode-se reanimar uma pessoa e não medem-se esforços científicos e tecnológicos para manter uma pessoa viva através de máquinas e medicamentos. A sociedade se tornou uma extensão da experiência médica.

No século XX a experimentação passou a ser vista com ressalvas, considerando que o principal objeto dos médicos em períodos anteriores eram as pessoas pobres, as minorias e os mais dependentes, que ganhavam algum dinheiro para ceder os corpos vivos para as suas experiências. Hoje em dia existe a jurisdição que impede essas intervenções abusivas, embora o corpo continue sendo objeto de experimentos. Existe uma distribuição aleatória entre os pacientes que vão e os que não vão receber um medicamento, por exemplo. Em nome da ciência o médico toma distância do seu objeto de estudo para obter uma maior eficiência nos

resultados da pesquisa. A medicina, nessa —sociedade-laboratório, é a grande consumidora de pessoas, existem até comitês que cuidam exclusivamente de pessoas que querem se submeter a ser objeto de pesquisas, diz a autora.

Uma fase característica da experimentação com o corpo ocorreu com o advento dos transplantes. Através do avanço da medicina foi possível perceber que alguns indivíduos têm mais semelhanças biológicas que outros. Essa descoberta fez com que diminuíssem as rejeições dos órgãos transplantados, além de muitos medicamentos atuais melhorarem essas condições. A princípio os transplantes eram realizados entre irmãos e parentes mais próximos. A retirada de órgãos em cadáveres era impossível. Pensou-se em doadores vivos, mas estes podiam doar poucos órgãos.

A maneira que se encontrou foi à utilização de pessoas vivas com a ajuda artificial de aparelhos, em coma ou morte cerebral, chamados de cadáveres quentes. Manter a vida artificialmente garante que os órgãos se mantenham vivos e em boas condições para o transplante. Conforme Moulin, (2008, p. 59) o transplante se tornou um devorador de órgãos, não importa mais a idade é possível prolongar a vida. O transplante de órgãos é apenas mais uma das tantas outras necessidades nessa sociedade de consumo. A demanda é muito maior que os órgãos disponíveis, existe de fato escassez. Essa escassez se dá pelo fato que hoje em dia com novas regras de trânsito existe menos acidentes, com medicina preventiva menos óbitos; outro fator é a recusa da família em doar os órgãos de ente querido. A falta de fornecedores de órgãos permite que se busquem outras fontes, mesmo que de forma ilícita. —O destino dos corpos se joga, então, à força de argumentos ao mesmo tempo sociais, econômicos e científicos (MOULIN, 2008, p. 60). A falta de uma jurisdição mais maleável sobre o doador vivo dá margem à ilegalidade da venda de órgãos no mercado negro.

2. Do corpo ordinário ao corpo sexuado

Nesse tópico se discute a visibilidade do corpo não mais como objeto de experimento médico, mas do desnude, do corpo visível na cultura do lazer, presente no espaço visual midiático e comercial. Porém, a visibilidade do corpo passou, antes, pelo movimento higienista, influenciado pelo —movimento geral das sociedades (ORY, 2008, p. 155), isto é, do grande recuo da cultura rural diante da urbana. A vida urbana obrigou a ter valores condizentes com a sociedade moderna.

O progresso, tanto na vida rural quanto na urbana, mudou diretamente as noções sobre o corpo. A água e o esgoto tratados refletiram algumas dessas mudanças que resultaram

numa maior expectativa de vida. A exigência por higiene colocou o micróbio como inimigo nessa nova fase. Para além da higiene, Ory afirma que o corpo sofrerá uma mudança no século XX —da cabeça aos pés, pois com as pessoas vivendo mais e em melhores condições fez surgir um novo conceito —a civilização do lazer ou —cultura do lazer marcado pela oficialização do tempo fora do trabalho.

O período conhecido como *belle époque* (que em português significa bela época), que vai do final do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, a Europa cosmopolita experimentou uma —era de ouro, com expressivos avanços na tecnologia, ciência, artes. O surgimento do telefone e do cinema representou essa época de profundas mudanças culturais e de paz, até a eclosão da guerra.

O corpo ganhou um novo aspecto devido ao consumo da moda e do turismo. Em, 1900, a ida das pessoas a praia para se refrescar com roupas específicas para esse fim foi um grande progresso que com o tempo foi ganhando cada vez mais espaço. Os maiôs eram longos e de mangas compridas e, embora confortáveis, dissimulavam o corpo.

Aos poucos houve uma ruptura com o passado - saiu o espartilho e entrou o sutiã. A prática de esportes permitiu o uso de roupas mais leves e curtas que naturalizavam a nudez. O corpo passou a ser exposto sobre a luz e com a sua exposição, na *Belle époque*, o homem e a mulher passaram a ter modelos de beleza a serem seguidos. Manter o corpo visivelmente bonito e saudável (alinhado) passou a fazer parte dessa nova sociedade.

Mas essa mudança só foi possível com diminuição do pudor em volta do corpo. Sendo assim o corpo sexuado ganhou visibilidade. Segundo Sonh (2008, p. 109), —nunca, antes do século XX, o corpo sexuado fora objeto de cuidados tão atenciosos. O corpo está onipresente no espaço visual, ocupa um papel cada vez maior nas representações, tanto científicas como midiáticas.

Nessa sociedade a economia e o comércio potencializaram a cultura do corpo. Na década de 1920, por exemplo, a tecnologia doméstica melhorou o tempo da mulher em seus afazeres domésticos, mascarada de libertação, ganhou a possibilidade de ter mais tempo livre e trabalhar fora de casa. A influência da indústria sobre o corpo teve origem na organização científica do trabalho, que propiciou uma nova racionalidade. Conforme Ory (2008, p. 184-185),

esta economia do corpo, submetido, por uma vontade de conformidade às normas sociais, a um tipo de exercício livremente consentido, não deixa então de apresentar alguns pontos comuns com a nova corporalidade que teve origem no universo do trabalho, tal que as incessantes transformações dos modos de produção e de troca o remodelam ao longo do século, esta é totalmente dominada pelo projeto de certas

elites de garantirem para si o controle dos corpos submetidos por um recurso sistemático a dispositivos técnicos. [...] A fórmula da racionalização paira por cima de todo o conjunto, em nome de uma concepção fenomenológica do trabalho, resumido a um quadro de gestos e suscetível, então, a uma estrita programação. O projeto tem, desde o início, uma pretensão científica — a organização científica do trabalho⁴.

Em —Tempos Modernos⁵, Charles Chaplin mostra a desumanização através de uma forma moderna de escravização em que a imposição de uma nova ordem corporal racionalizada permitiu o cálculo da energia corporal.

A despeito disso, a mudança cultural e a mudança econômica da sociedade contribuíram para que as pessoas tivessem condições melhores de adquirir comida e despendessem esforços em outras atividades, como o lazer, por exemplo. A modernidade, tanto nas classes dominantes quanto nas classes médias, fez com que os esforços físicos no trabalho diminuíssem.

Segundo Ory, a tecnologia ganhou um novo sentido sobre a representação do indivíduo. Ela modifica a relação do indivíduo com a sociedade. A tecnologia acelerou esse processo, principalmente com a crescente demanda por espaço privado. O corpo visado e vigiado passou a ser capturado pela fotografia, que cresceu imensamente seja pela obrigação de fotos oficiais, como os álbuns de família. O uso do espelho ora imóvel popularizou-se e poderia ser levado a qualquer lugar para fins de admiração. —A verdadeira determinação reside, aqui, na autorização da atenção a si mesmo, como o comprova — ao mesmo tempo que a gera — a evolução dos meios de comunicação em massa (ORY, 2008, p. 168-169).

Uma das tendências que intensificaram essa mudança de comportamento foi a moda. A moda conseguiu invadir todas as camadas da sociedade, cabe frisar que os grupos dominantes da sociedade avançada mediam essa influência conforme seu interesse.

Com o tempo o maiô vai diminuindo, as pernas exposta vão ganhando espaço. Após a Grande Guerra foi possível ver os homens com calção de banho e as mulheres com o maiô em uma única peça.

Em 1930 a praia se torna sinônimo de ócio, estar com o bronzeado em dia dava a impressão que as férias tinha sido ótimas. A roupa de banho feminina foi confeccionada em duas peças, embora o biquíni (duas peças pequeníssimas) tenha sido inventado somente em 1946, por Luis Réaud. Nesse contexto o corpo da mulher está submetido ao que Ory (2008, p. 159) diz ser a —tríplice regime, cosmético, dietético e plástico⁶, um objeto do e para o mercado. O tratamento de pele foi o que mais se modernizou nesse período em que os avanços científicos criaram critérios para o belo e o saudável.

A estética ganhou o poder de atenuar o envelhecimento e o mundo da beleza passou a fazer parte da economia a partir de produtos fabricados em larga escala para ser comercializados. Com a grande procura e a profissionalização, os especialistas da estética irão aparecer. A comercialização se torna internacional, a indústria do cosmético no seu apogeu teve pelo menos três grandes nomes; Helen Rubinstein; Elizabeth Arden e Charles Revson. O xampu líquido foi inventado em 1927, inovando com o poder de higienizá-los. Em 1930, começaram a surgir as primeiras cirurgias estéticas.

Outro aspecto relevante é a dietética moderna. A dieta veio junto com um discurso de conservação da saúde e cura para as doenças. O saber dietético é bem antigo e hoje é associado a medicina. A partir da segunda metade do século XX, emergiu a racionalidade nutricional, através de institutos de nutrição juntamente com laboratórios de fisiologia, que lançaram programas para informar o consumidor a composição dos alimentos. Desde então, surgiu o médico dietista. Além dos médicos formados na área também existiam profissionais liberais que davam consulta na área. O saber dietético ganhou espaço diante uma sociedade moderna cada vez mais obesa (EUA).

Diante dessa realidade, observa-se revista femininas popularizando dietas e promovendo um ideal de magreza, reproduzido por uma sociedade cada vez mais preocupada com sua auto-imagem, sobretudo após os anos de 1980.

[...] o critério de esguio continua predominante, apoiado por um discurso médico melhor equipado para estabelecer o nexos entre o que se torna, em termos eufêmicos, ‘sobrecarga ponderal’ extrema, essa iniciativa dietética vai culminar, para um número sempre maior de pacientes tanto homens como mulheres, em um recurso à manipulação física [...]. (ORY, 2008, p.165).

A publicidade também teve um papel importante na liberação do pudor na sociedade. Tanto em propagandas quanto no cinema e na literatura, ela colaborou para a —normalização das atitudes e comportamentos amorosos (SOHN, 2008, p. 113). Com a grande exposição do corpo, buscou-se com a visibilidade uma aceitação social. —Como se pode pressentir, essas reformulações da demanda social definem regras quanto à parte corporal do jogo social profundamente modificadas no espaço de duas ou três gerações. [...] (ORY, 2008, p.167). Diante disso, pode-se falar das cirurgias plásticas, ela não é mais reparadora, mas estritamente estética, e a demanda, conforme Ory (2008), é psíquica.

A superexposição do corpo sexuado colabora também para a comercialização do corpo. Isso pode ser notado na literatura, no cinema, nas revistas, etc. A pornografia se tornou uma das maiores fontes de consumo desse século, desde filmes, sex-shop, canais a cabo. A

venda desses materiais cresceu e o comércio pornográfico não se encontra mais escondido ou represado, encontra-se no nosso cotidiano.

O filme pornográfico introduz uma profunda ruptura nas representações da sexualidade e dos corpos. Pela primeira vez, ele reproduz atos sexuais não simulados, realizados de maneira estereotipada por profissionais e destacados de toda relação afetiva ou pessoal. A desrealização segue *pari passu* com a focalização sobre os órgãos e a fisiologia sexual. Por outro lado, tendo passado da constatação à era comercial, o cinema pornográfico se transmuda em consumo de massa. Pode assim a oferta diversificar-se e ultrapassar os limites do aceitável. A felação, antigamente audaciosa, aparece hoje como um item obrigatório. A sodomia e as posições insólitas, de transgressivas, tornaram-se padronizadas. O filme pornográfico, enfim, descambou para o *hard grade* e integrou o sujo, o monstruoso, o bestial. (SONH, 2008, p. 116).

Segundo Sohn, a pornografia fez com que a sociedade falasse de —sexo‖, mas não mais em sexualidade.

Enfim, devido às demandas novas categorias de profissionais surgiram como especialistas para cuidar do corpo, de como se vestir, esteticistas, estilistas, nutricionistas, etc., ganharam legitimidade. Outro aspecto da mudança que o corpo sofreu no século XX foi a volta da moda e do uso de tatuagens e *piercings*. Ory denomina esse novo período como uma revolução epidérmica, por envolver além a pele que compõe o conjunto: o corpo.

3. Do corpo treinado ao corpo modificado

No século XX o corpo treinado tem como objetivo se afirmar em uma época onde cada vez mais é exigido chegar ao limite, ser posto à prova sob circunstâncias incertas. O treino do corpo remete a técnica e a mecânica do movimento corporal. Com a cultura do entretenimento e do prazer, discutido nos tópicos anteriores, cuidar do corpo, praticando alguma atividade física ou esporte, também remete começo do século XX. Essa cultura foi disseminada pela crescente publicação de artigos, livros e enciclopédias abordando diversos métodos. Conforme Vigarello:

[...] o triunfo definitivo do exercício *‘construído’*, o de movimentos sistematizados, mecânicos e precisos, controlados com o único objetivo de aumentar os recursos físicos: neles, o corpo seria educado de acordo com o código analítico de progressão, músculo após músculo, parte após parte. [...] O corpo se vê aqui, da cabeça aos pés, *‘tecnicizado’*, sempre mais atravessado pelos modelos da sociedade industrial. Daí a relação inédita com a motricidade, este paradoxo mesmo, já por demais estudado: submissão às regras máximas de eficácia biomecânica em primeiro lugar, segundo um cálculo sofisticado de vetores, de forças, de durações, [...] Este corpo técnico, deve-se insistir neste ponto, é um corpo medido. Seus progressos como seu treinamentos, são *‘maquinados’*. Proclamam-se as eficácias, calculam-se as potencialidades. (VIGARELLO, 2008, p. 199-209)

A ênfase na prática de esportes é uma conquista da modernidade, pois sempre se falou sobre atividades físicas por meio de enciclopédias e revistas do lar que prometiam benefícios para ganhar um corpo mais —harmonioso e belo—. Existiam, no começo do século XX, divergências sobre quais exercícios poderiam realmente potencializar o corpo todo. Conforme Vigarello, a publicação de um conjunto de artigos da *Revue Scientifique* entre 1896 a 1907 considerava a —ginástica sueca— eficaz, pois era realizada com movimentos rígidos. Embora também se defendesse que os movimentos naturais seriam os melhores e mais completos, como —caminhada, corrida, salto e o lançamento—. Esses exercícios possibilitavam —trabalhar metodicamente todas as partes do corpo—. Apareceu naquela época também a utilização de halteres e extensores, para melhorar a técnica de esportes de competição.

No começo do século XX, era inadmissível na Europa os jogadores de futebol sem um treinador. Existia uma preocupação com o rendimento dos atletas, conseguida somente com treinamento e esforços cada vez maiores para ter bons resultados. O corpo passou a ser medido de diversas formas, desde a capacidade respiratória às curvas das vértebras.

O objetivo desse registro era verificar o progresso e a possibilidade de prevê-los. Mas não só o corpo passou a ser treinado —, a psicologia promoveu o treinamento pessoal com estratégias que mudaram o comportamento, prometendo resultados como o sucesso diante do esforço e da dedicação, numa sociedade competitiva.

Essas aprendizagens vão convergir com os projetos de desenvolvimento pessoal em sociedade que enfrenta sempre mais competição e igualdade. Convergem com a literatura, igualmente no princípio do século XX, prometendo a ‘autoconfiança’, detalhando a maneira de ‘tornar-se mais forte’, a de ‘abrir seu próprio caminho na vida’. Convergem ainda com uma literatura toda psicológica que se aventura, alguns anos depois, pelo terreno das técnicas mentais para melhor cultivar a auto-afirmação. ‘Pode-se praticar uma espécie de auto-sugestão durante as sessões de educação física’, afirma um texto em 1930. (VIGARELLO, 2008, p. 214-215).

Após a Primeira Guerra Mundial, o corpo foi potencializado com novas formas de aprimoramento, considerando a busca pelo corpo performático como espelho da cultura, atualizado através da racionalidade técnica, tornando natural a sua modificação. Então, mais uma vez o corpo tornou-se uma mercadoria a ser explorada, mas agora pela cultura física e do esporte.

O corpo de um atleta olímpico, por exemplo, produz-se de forma diferenciada do corpo de uma pessoa que busca melhorar a forma física e aparência. Resguardadas as devidas proporções, o que é necessário enfatizar é que, ambos, utilizam recursos que potencializam sua aparição e os dois personificam a hibridação natureza/cultura, bem como a transformação de si em um eficiente corporal, onde as fronteiras entre pessoa e tecnologia encontram-se absolutamente atravessados. (NUNES; GOELLNER, 2007, p. 56).

Não só os corpos passaram por esse processo, mas a cultura. Antes ter músculos era relacionado a pessoas que faziam serviços braçais e o bronzado aos camponeses. A elite se apropriou dessa leitura e mudou o seu significado; investir no corpo desse modo foi possível através de novos costumes.

Após a Segunda Guerra Mundial o esporte se vinculou a um modelo de ‘heroização’. —Muito além das práticas, no entanto, é o espetáculo esportivo que se impõe, instalando a imagem dos esportes como uma evidência e também como um ideal compartilhado (VIGARELLO, 2008, p. 233), inclusive pela cultura popular.

A tecnologia científica em desenvolvimento multiplicou as possibilidades do corpo para além do orgânico, adicionando ao biológico o mecânico, abrangendo a robótica, a inteligência artificial, a engenharia de tecidos, os transplantes, as plásticas, as próteses, etc.

Segundo Lima (2007, p. 26), —a contínua ‘mecanização do humano’ e a intensa ‘vitalização das máquinas’ e sua integração pela cibernética transgride, senão mesma apaga as fronteiras de orgânico e do maquinário, do vivo e não-vivo, do humano e da máquina. Estamos falando do corpo *cyborg* e do corpo híbrido. Essa realidade já faz parte da vida ordinária e, conforme Lima (2007), levanta-se a questão —o que significa ser humano. Aquilo que era considerado ficção-científica no cinema e na literatura, virou realidade.

Para Lima (2007, p. 30), o mundo está rodeado por uma sociedade de *cyborgs*,

não apenas o *Robocop*, mas sim qualquer pessoa com um órgão artificial ou uma prótese implantada (como um marcapasso), ou ainda qualquer pessoa que tenha sido ‘reprogramada’ para resistir a doenças ou mesmo drogada para pensar, comportar-se e sentir-se melhor (psicofarmacologia), é tecnologicamente um *ciborgue*.

Essa sociedade tecnocientífica se institucionalizou e exigiu a participação ativa dos indivíduos para perpetuar o seu poder. No capítulo II, o debate se estende para as novas formas de controle social e dominação dos indivíduos a partir de uma racionalidade, que o filósofo Herbert Marcuse chama de racionalidade tecnológica, cuja função é precondicionar a subjetividade pela falsa consciência e exigir do corpo-mercadoria, não somente a sua venda no mercado de trabalho, mas a disposição integral para o consumo de mercadorias para produzir sua existência.

Em uma sociedade onde a cultura do consumo se reproduz a partir das necessidades superimpostas e da identificação dos indivíduos em busca de satisfação pessoal e bem estar em meio a um padrão de vida crescente, a mercantilização do corpo ganha força, pois o corpo precisa ser permanentemente modificado sempre reproduzindo as exigências sociais do sistema capitalista.

CAPÍTULO II

A RACIONALIDADE TECNOLÓGICA E AS FALSAS NECESSIDADES

1. A consciência livre transformada em consciência dominada

Sabidamente, o capitalismo explora a consciência dos indivíduos. Então, o objetivo desse tópico é mostrar como a consciência livre foi transformada em consciência dominada pela racionalidade do sistema capitalista introjetada pelos indivíduos. Essa transformação ocorreu devido às bases críticas da sociedade industrial serem reprimidas, impossibilitando uma mediação histórica entre teoria e prática.

O filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse (1898-1979) escreveu no livro —A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional, lançado em 1964, que a técnica e a tecnologia estão a serviço de uma ideologia que permite a legitimação do sistema capitalista. Da mesma forma, afirmou que o processo de automação, que envolve a ciência e a técnica, é parte do projeto de dominação, já que a sociedade capitalista se organizou a partir do controle da natureza e expandiu o seu domínio para os próprios indivíduos.

Para compreender como se chegou a esse estado de coisas, Marcuse explica que a sociedade industrial, na primeira metade do século XIX, possuía uma mediação histórica entre teoria e prática, a partir da consciência e da ação política das duas classes básicas que compõem o capitalismo - a burguesia e o proletariado. Porém, essas classes tiveram as suas estruturas e funções alteradas pela dinâmica do sistema capitalista a ponto de não mais parecerem agentes históricos de transformação social. A sociedade industrial contemporânea produziu modificações na base crítica dessas classes.

Assim, a crítica se tornou uma abstração nessa sociedade e deixou de produzir as contradições necessárias para a transformação qualitativa da sociedade.

Segundo Marcuse, Marx dizia que o aparato produtivo possibilitaria uma mudança qualitativa no desenvolvimento da técnica, e para haver essa modificação teria que haver também uma transformação na estrutura tecnológica, no entanto, o aparato tecnológico vigente absorveu a existência humana em todas as esferas da sociedade. Dessa forma, a tecnologia, como modo de produção, transformou as relações sociais - pensamento e comportamento -, que estão a serviço do sistema para produzir novas formas de controle.

Nesse movimento, a classe trabalhadora foi incorporada ao sistema capitalista e com o enfraquecimento de sua posição subversiva.

[...] o véu tecnológico esconde a reprodução da desigualdade e da escravidão. Tendo o progresso técnico por instrumento, a falta de liberdade — significando sujeição do homem ao seu aparato produtivo — é perpetuada e intensificada sob a forma de muitas liberdades e comodidades. (MARCUSE, 1973, p.49)

As forças históricas (burguesia e proletariado), antes antagônicas, passaram a compartilhar a racionalidade do sistema e a reproduzi-lo, isto é, tais forças históricas foram silenciadas e se tornaram instrumentos da sociedade industrial. Em última instância, a classe trabalhadora trocou a liberdade pelo conforto. —Aí, a chamada igualação das distinções de classe revela sua função ideológica (MARCUSE, 1973, p. 29), dado que passou a compartilhar dos mesmos interesses da burguesia.

O antagonismo parece ter sido pacificado e a falta desses agentes históricos de transformação parece eliminar a oposição, a negação e a recusa, reforçando a coerção. As contradições da sociedade aparecem silenciadas, sendo cada vez mais difícil haver crítica, perpetuando uma racionalidade produtiva crescente, traduzido num padrão de vida também crescente que interfere no comportamento dos indivíduos.

Nas condições de um padrão de vida crescente, o não-conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, principalmente quando acarreta desvantagens econômicas e políticas tangíveis e ameaça o funcionamento suave do todo. (MARCUSE, 1973, p. 24)

Se a existência não estivesse alienada, tais agentes históricos poderiam promover modificações no curso da história, fator que leva Marcuse a desvelar a ideologia da sociedade industrial apenas como assimilação e não como fim da luta de classes. Conforme o autor:

Se o trabalhador e se patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos lêem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento de classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecimento é compartilhada pela população subjacente. (MARCUSE, 1973, p. 29)

Como fica evidente no excerto, Marcuse aponta que a assimilação do status dominante não indica o desaparecimento das classes sociais, mas o sistema se reproduzindo a custo do condicionamento para o consumo e a introjeção dos valores que o perpetuam.

O termo introjeção é definido por Marcuse como a transferência das determinações exteriores para o interior do Eu (Ego), portanto, existe uma dimensão interior que é privada divergente das exigências externas. Essa dimensão interior e particular dos indivíduos é invadida pela ideologia dessa sociedade. Sendo assim, —o resultado não é o ajustamento, mas a mimese: uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e através dela, com a

sociedade como um todo. [...] O sujeito que é alienado é engolfado por sua existência alienada¹¹ (MARCUSE, 1967, p. 31).

Evidentemente, o indivíduo sem uma dimensão interior distinta do exterior fica incapaz de criar uma oposição ao *status quo*. É neste contexto que Marcuse afirma que na sociedade existe apenas uma dimensão (unidimensionalidade), forjada pela racionalidade tecnológica e transformada em racionalidade política para fins de dominação. Então, as mercadorias são impostas para indivíduos já preconditionados ao consumo. A falsa consciência, entendida como ideologia, interfere na subjetividade à medida que as escolhas estejam de acordo com o já esperado. Os indivíduos fazem parte de um estilo de vida disseminado pela sociedade unidimensional. —No capitalismo avançado, a racionalidade técnica está personificada, a despeito de seu uso irracional, no aparato produtivo¹² (MARCUSE, 1973, p. 41).

A sociedade unidimensional intensifica a produção em face do consumo, pois —a produção e a distribuição de uma quantidade crescente de mercadorias e serviços condescendem com uma atitude tecnológica racional¹³ (MARCUSE, 1973, p. 62).

A sociedade industrial aumenta o consumo de necessidades parasitárias e alienadas a ponto do desperdício ser necessário e socialmente aceito. Aumenta-se a produção excedente para atender a um consumo nefasto. A falsa sensação de felicidade e conforto suprime qualquer comportamento contrário. A vida administrada tem aparência boa e segura. A felicidade dessa sociedade unidimensional se resume no que se pode consumir, desvirtuando as alternativas históricas que poderiam conduzir à transformação qualitativa.

Essa cultura unidimensional é um instrumento de coesão social. A comunicação em massa tem o papel de transformar em mercadoria a arte, política, religião e a própria filosofia. O valor da verdade é substituído pelo valor da troca.

A sociedade industrial promove o controle social por meio da produção das falsas necessidades. Desse modo, segundo Marcuse, o controle social se consegue com a racionalidade tecnológica, que personifica a própria razão, escolhendo e determinando o que é —bom¹⁴ para todos. À medida que os controles são introjetados as forças históricas que poderiam produzir a crítica e a recusa são diluídas em meio à cultura do consumo.

Pode-se perceber movimentos contraditórios nessa sociedade como, por exemplo, a ausência de oposição. A sociedade unidimensional é uma sociedade sem crítica.

O autor procura delinear alternativas históricas possíveis de organização social que possam suavizar a luta pela existência. Para tanto, analisa a sociedade à luz das possibilidades utilizadas e não utilizadas, baseando-se no julgamento de valores para delinear maneiras

possíveis da sociedade se organizar diferentes da vigente. Para tal análise são necessárias abstrações iniciais, uma delas é negar os fatos dados como contexto final de validação, para pensar em outra perspectiva, a forma como a sociedade se organiza e utiliza seus recursos.

Nesse ponto, a Teoria Crítica enfrenta o problema da objetividade histórica devido a necessidade de envolver um julgamento de valores, a saber:

1) o julgamento de que a vida humana vale a pena ser vivida, ou, melhor, pode ser ou deve ser tornada digna de se viver. Esse julgamento alicerça todo esforço intelectual; é apriorístico para a teoria social, e a sua rejeição (que é perfeitamente lógica) rejeita a própria teoria; 2) o julgamento de que em determinada sociedade existem possibilidade específica de melhorar a vida humana e de modos e meios específicos de realizar essas possibilidades. A análise crítica tem de demonstrar a validade objetiva desses julgamentos, tendo a demonstração de se processar em bases empíricas. (MARCUSE, 1973, p. 14-15)

Então, pela análise do excerto, verifica-se que o autor tem em vista a construção da sociedade vigente em termos de recursos utilizados para melhorar a vida humana. —Como podem ser esses recursos utilizados para o máximo desenvolvimento e satisfação das necessidades e faculdades individuais com o mínimo de labuta e miséria?‖ (MARCUSE, 1973, p. 15).

Marcuse descreve a vida na sociedade industrial desenvolvida como permeada pela falta de liberdade confortável, suave, razoável, democrática e as relações básicas determinam todo o desenvolvimento dessa sociedade. O projeto da sociedade industrial é suprimir a individualidade, operacionalizar as relações sociais e regulamentar a livre competição entre sujeitos economicamente desiguais. Para Marcuse (1973, p.14), —essa sociedade é irracional com um todo‖, pois antevê maneiras de utilizar o homem e a natureza do modo que o seu projeto de dominação obtenha sucesso, que é a manutenção e reprodução do sistema.

A organização técnica da produção se consolida com a distribuição e fruição de bens. O sistema determina *a priori* a produção e distribuição das mercadorias para consumo, reproduzindo um sistema a partir do próprio estímulo ao consumo. Esse sistema totalitário invade todas as esferas da nossa vida, tanto sociais quanto individuais. Por isso o aparato técnico de produção e distribuição da sociedade industrial não pode ser separado dos efeitos sociais e políticos, esta organização tem que ser vista como um todo. Segundo Marcuse (1973, p.18) —Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais‖.

Sendo assim, através da tecnologia instituem novas formas mais eficazes e agradáveis de dominação e controle social. Além de esta sociedade ser um universo

tecnológico ela também um universo político. Os membros dessa sociedade se organizam através das suas escolhas, mas não percebem que já fazem parte do jogo dos interesses dominantes.

Nesse sentido, o aparato tecnológico tem que ser visto com um todo como a própria sociedade tecnológica envolto num sistema de dominação que determina todo o desenvolvimento da sociedade e institucionaliza as relações básicas. A sociedade industrial funde a —cultural, —política e a —econômica num sistema onipresente e unidimensional, capaz de moldar toda a cultura intelectual e material, já que invade o trabalho, o lazer e todos os demais aspectos privados da vida, interferindo diretamente na subjetividade dos indivíduos.

Conforme Marcuse, (1973, p. 19) —[...] o potencial de produtividade e crescimento desse sistema estabiliza a sociedade e contém o progresso técnico dentro da estrutura de dominação. A racionalidade tecnológica ter-se-á tornado racionalidade política.

Numa sociedade totalitária a coordenação técnico-econômica manipula as necessidades por interesses adquiridos pelos indivíduos. Para tanto, precisa consolidar um sistema de produção e distribuição eficiente, mantido e manipulado por governos com o intuito de se garantirem no poder pela mobilização da produtividade técnica. A racionalidade política depende da falsa consciência, isto é, da introjeção da ideologia para manter os indivíduos presos à vida administrada.

O valor formativo do pensamento marcuseano está na crítica como forma de mobilizar a crítica contra a ideologia dominante. A crítica é uma importante aliada da consciência verdadeira, pois pode desalienar e fazer com que os indivíduos neguem a organização da sociedade capitalista e adotem um novo estilo de vida. Porém, essa necessidade de mudança é reprimida.

Dessa perspectiva, Marcuse acredita que tal sociedade oscila entre duas hipóteses contrárias: 1) de que a sociedade consegue interromper qualquer transformação social; 2) de que existem forças subversivas que podem romper com a ordem dominante e fazer explodir essa sociedade.

Para o autor, os indivíduos encontram a liberdade e emancipação por meio da razão, desde que o livre desenvolvimento de suas faculdades não aceite a repressão, refutando os valores da sociedade vigente e a padronização que interfere na crítica. Esse deveria ser o papel da cultura – emancipar, considerando que se pode

definir o indivíduo como sujeito de certos padrões e valores fundamentais que nenhuma autoridade externa deveria desrespeitar. Esses padrões e valores diziam respeito às formas de vida, tanto social como pessoal, que se mostravam mais adequadas ao desenvolvimento total das faculdades e habilidades do homem. (MARCUSE, 1999, p.75).

Os meios pelos quais nos tornamos escravos desta sociedade são paradoxais, pois quanto mais racionais e produtivas esta sociedade, mais difícil se torna a emancipação ou mesmo a reflexão acerca da condição de servidão. É preciso desvelar a sua ideologia.

2. O condicionamento para as falsas necessidades

Como se notou pelo tópico anterior, as transformações sociais deveriam derivar das alternativas históricas, mas a sociedade industrial desenvolvida refuta e confronta a crítica com progresso técnico objetivado num padrão de vida crescente, constituindo-se em sistema de dominação que cria formas de vida administradas e padronizadas.

A sociedade industrial contemporânea é extremamente tecnológica e exerce o domínio sobre os indivíduos conquistando-os tecnologicamente e reprimindo o desenvolvimento livre das necessidades e faculdades humanas. A sociedade tecnológica, portanto, é um sistema de dominação que reprime os indivíduos para se tornarem consumidores, condicionando-os para as falsas necessidades, institucionalizando e padronizando as relações básicas para determinar todo o desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, diz Marcuse (1973), o universo tecnológico além de ser um universo político, molda toda a cultura intelectual e material. A transformação qualitativa é contida a medida que as falsas necessidades são introjetadas, refutando toda e qualquer perspectiva histórica de liberdade de labor e dominação.

De acordo com Marcuse, somos condicionados a buscar realização das falsas necessidades, necessidades essas que não promovem uma transformação qualitativa, mas que reproduzem a lógica capitalista. Nesse sentido, o autor distingue as verdadeiras e as falsas necessidades.

O homem se constitui historicamente, mas suas necessidades biológicas foram substituídas por um padrão social predominante que instituiu novas formas de controle a partir da introjeção das falsas necessidades ou necessidades superimpostas por interesses sociais adquiridos aparentemente pelos indivíduos. Contudo, —o fato de a possibilidade de se fazer ou deixar de lado, gozar ou destruir, possuir ou rejeitar algo ser ou não tomada por necessidade depende de poder ou não ser ela vista como desejável e necessária aos interesses e instituições sociais comuns (MARCUSE, 1973, p. 26).

Em última instância, as falsas necessidades são determinadas por forças externas que os indivíduos não têm controle algum.

Nota-se a partir dessas premissas que a liberdade de consciência é substituída por uma falsa liberdade. A liberdade neste caso se torna instrumento de dominação. É como Marcuse (1967, p. 28) diz: —a eleição livre não abole os senhores ou escravos¹. O indivíduo escolhe o que já foi escolhido para ele pelo sistema.

Quando os indivíduos já estão pré-condicionados pode-se notar a extensão do alcance do sistema de dominação, pois os indivíduos se reconhecem no que consomem, nas mercadorias que utilizam no cotidiano como extensão da mente e do corpo. —Como podem pessoas que tenham sido objeto de dominação eficaz e produtiva criar elas próprias as condições de liberdade?² (MARCUSE, 1967, p. 27).

A troca da liberdade pelo conforto pode ser um testemunho em prol do capitalismo, mas a falsa liberdade não é e nem nunca será uma vantagem, porque os indivíduos têm que se mostrar ao mercado como sujeito economicamente livre, como mercadoria disponível tanto para produzir mercadorias quanto para consumi-las em grande escala. O condicionamento para as falsas necessidades têm essa função: reprimir para o consumo.

Portanto, a repressão experimentada nas sociedades unidimensionais nem sempre esta relacionada a violência física, já que ela tem formas sofisticadas de controle. Observa-se que a satisfação dos indivíduos administrados se resume em consumir, não só bens materiais, mas o próprio corpo se torna uma rentável mercadoria.

No próximo tópico fica evidente que o corpo mercantilizado pelos produtos e mercadorias que servem à satisfação individual, ideologicamente, não são percebidos como parte do aparato tecnológico destinado a administrar a vida e a reproduzir o sistema. Dessa forma, a luta pela existência se torna árdua para a maioria dos indivíduos, embora seus corpos tenham valor ou enquanto mercadoria ou enquanto consumidores de mercadorias na produção da existência na sociedade do consumo. Os indivíduos consomem e são consumidos.

3. A história da beleza e a mercantilização do corpo.

Diante de todo o exposto, o objetivo desse tópico é analisar a transformação do corpo em mercadoria, não pela superexploração do trabalho, mas como conceito histórico que ganhou *status* de mercadoria.

Como se evidenciou, o aparato tecnológico transformou a subjetividade humana e racionalidade tecnológica, fazendo com que os indivíduos se identifiquem imediatamente com a sociedade em que vivem, reproduzindo-a para atender às suas necessidades e os interesses conforme os diferentes fins do capitalismo.

O corpo, no contexto do capitalismo se tornou mais uma dentre tantas mercadorias. Segundo Sant'Anna (2014), a busca por ter um corpo belo se tornou uma necessidade imprescindível. As pessoas introjetaram a necessidade do corpo idealizado a partir de uma busca demasiadamente perversa que atingiu todas as classes sociais.

A preocupação com a aparência física foi construída no decorrer da história com o advento da modernidade. A tecnologia junto com o capitalismo emergiu da superexploração não só do corpo, mas da subjetividade. Invadiu o interior do corpo penetrando na alma. Produziu uma cultura de consumo que exigiu tempo e dinheiro. Modificou o comportamento e as relações sociais. Para Sant'Anna (2004, p. 180), —temos o hábito de pensar que os cultos contemporâneos do corpo são necessários e dispensam explicações, pois são considerados uma prova de autoestima fundamental para alcançar o bem-estar no mundo moderno.

Desse modo a sociedade capitalista preconditionou os indivíduos à racionalidade tecnológica, também, para dedicarem ao corpo o tempo e dinheiro exigidos pelos padrões de bem estar. São encorajados pela mídia, uma vez que pensar o contrário é visto como falta de amor próprio.

cuidar do corpo tornou-se muito mais que uma vaidade ocasional. Passou a ser uma necessidade vital, pois, um número cada vez maior de corpos era descartado ou desgastado pelo excesso de trabalho (ou pelo esforço em conseguir um) e pelo aumento do sentimento de insegurança e de incerteza em relação, não apenas ao futuro, mas também o presente. (SANT'ANNA, 2004, p. 191).

O corpo e a maquinaria eram vistos, já no começo do século XX, como fonte de energia, argumentos válidos diante uma sociedade que buscava a industrialização. A propaganda incentivava a medicalização do corpo, buscando produtos que aperfeiçoassem a vida no trabalho, dando maior disposição. —Saúde significava, principalmente, força para trabalhar. Era preciso aumentar a capacidade muscular, a resistência às durezas da vida, como as variações do clima e o aumento das tarefas produtivas (SANT'ANNA, 2014, p. 61). Melhorar o corpo através de modificações era um reflexo do que se observava nas próprias cidades. Ambas deveriam se tornar úteis, eficazes e velozes.

A indústria e a propaganda influenciaram também a ideia de como o belo deve ser: macio, sedutor e agradável. —Roupas, eletrodomésticos, cosméticos, remédios entre outros produtos, inclusive, a aparência do corpo, são curvados à necessidade de respeitar a lei máxima de conforto [...] (SANT'ANNA, 2004, p. 188). Tal como Marcuse (1973), fica evidente a troca da liberdade pelo conforto. Esse pressuposto descreve a sociedade industrial descrita pelo autor Marcuse, como uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e

democrática que interfere no livre desenvolvimento das faculdades humanas, prescrevendo como os indivíduos devem se comportar, o que devem consumir, como devem pensar e agir.

Os meios de transporte e comunicação em massa as mercadorias casa, alimento e roupas, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem o consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo. Os produtos doutrinam e manipulam; promovem uma falsa consciência à falsidade. E ai ficarem esses produtos benéficos a disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida (MARCUSE, 1967, p. 32).

A falsa consciência se insere no estilo de vida e pode ser visto ao longo da história da beleza. Conforme Sant'anna (2014), no começo do século XX, no Brasil, embelezar-se estava condicionado ao uso de roupas, adereços, cabelos arrumados, etc., até o comportamento fazia parte do que era considerado belo. A maquiagem na época ainda era vista com receio, pois quem se maquiava tinha algo a esconder. A beleza deveria ser natural. A saúde e a beleza eram vistos como um dom divino, embora a alma fosse mais valorizada que o corpo segundo uma moral católica da época.

A mulher que modificava sua aparência usando cosméticos era vista com muitas reservas. A visão da mulher reservada e virtuosa imperava e não tinha o direito de decidir sobre o seu corpo.

Na década de 20, começou a industrialização de cosméticos, já a educação física conseguiu espaço entre médicos. As receitas caseiras para a saúde, não tinham espaço para os produtos que a mídia queria divulgar. Muitas revistas sobre beleza e saúde foram lançadas reforçando os cuidados com a beleza feminina. Antigamente, o embelezamento da mulher não poderia ultrapassar os quarenta anos, mas isso foi mudando com o tempo (SANT'ANNA, 2004). Na década de 30 a velhice era assunto entre as rodas de amigos, ter trinta e cinco anos já era considerado velho, isso porque a expectativa de vida era de cinquenta anos. O envelhecer passou a fazer parte do comércio de cremes que prometiam retardar a velhice.

As revistas no Brasil, como a *fon fon*, enchiam suas páginas com o tabu de envelhecer, a mulher deveria despistar a idade, enquanto o homem aparentar a verdadeira idade era visto como algo admirável, embora era comum homens após os quarenta anos usar de artifícios para esconder os cabelos brancos, tingindo-os. Ao mesmo tempo a imprensa apoderou-se da busca pela beleza física de bebês e crianças (SANT'ANNA, 2004).

Conforme as definições de velhice os conselheiros de beleza enfatizam que não há mais idade para ficar velha. A beleza começa a ser difundida nos concursos de misses, no

cinema e na publicidade, podendo a beleza ser criada e produzida, tornando-se uma técnica. O corpo belo e saudável tornava-se, pouco a pouco, uma identidade da modernidade podendo ser fabricado.

As propagandas prometiam a felicidade. Mudar a natureza das coisas tornou-se um hábito. O período posterior à doença ou a falta de beleza foi explorado sempre mostrando a eficiência do uso dos produtos e os benefícios que poderiam ser conquistados. O prazer valorizou-se, qualquer forma de alusão à dor e ao sofrimento tornaram-se sinônimo de atraso da civilização moderna. O sistema dominante apostou num projeto que possibilitaria novas maneiras de se organizar conforme os interesses, nas palavras de Marcuse (1973), novas formas de controle.

Após a Segunda Guerra Mundial, a propaganda começou a promover a alegria de viver, principalmente, após a barbárie e a catástrofe genocida. Essa alegria se converteu em realidade com a propagação de uma política de bem estar social, sobretudo na Europa e EUA. Esse fato não passou despercebido pelas indústrias e as mercadorias alavancavam as vendas. A busca pelo conforto e o lazer ganharam espaço, o banho de mar nas praias e nos clubes pelas capitais, mas ainda homens e mulheres dividirem o mesmo espaço de lazer era tabu. Conforme Sant'Anna a moda praia, despertou nas mulheres a necessidades de depilar pernas e axilas, pois o corpo exposto necessitava de cuidados também.

A propaganda foi se modernizando e apresentava ideologicamente o seu lado positivo. Empresas norte-americanas começavam a se estabelecer no Brasil e traziam novos ideais e comportamentos a serem seguidos. A cidade de São Paulo nos anos de 1930 ganhava a primeira loja de departamentos oferecendo diversos serviços tudo em um só lugar, segundo palavras de Sant'Anna um —paraíso do consumo. Os produtos apresentavam suas vantagens, os anúncios não obrigavam o leitor a consumi-los, mas apresentavam um convite para experimentá-lo. O comércio seguia para o futuro. A intenção eram promover cada vez mais a satisfação dos consumidores.

Não demoraria para que a ênfase na alegria de viver conquistasse espaço na propaganda de dentífricos, sabonetes coloridos e cosméticos: imagens de jovens risonhas deixavam de ser uma atitude supérflua, afinal, *“o riso fortifica também os músculos do rosto e faz desaparecer o das mulheres de aspecto repuxado que se nota sobre o rosto das mulheres de aspecto triste”*. [...] A ênfase no sorriso vinha, porém, acompanhada da expectativa de exibir dentes alvos e bem alinhados. Sorrir tornava-se um argumento publicitário poderoso para vender batons e dentífricos. E, conseqüentemente semelhantes tristes ganharam em negatividade (SANT'ANNA, 2014, p. 49).

Embelezar-se ganhou legitimidade, começou a fazer parte do cotidiano, através de uma forte divulgação através da imprensa a partir das propagandas. A beleza do corpo foi se

tornando um dos comércios mais lucrativos do século XX, estendendo-se em vários setores, desde medicamentos, cosméticos, alimentos, exercícios físicos, lazer, cirurgias plásticas, até o entretenimento. De acordo com Sant'Anna (2014, p. 16), —o Brasil conquistou um lugar de destaque nesse lucrativo negócio, tornando-se um dos campeões no *ranking* mundial de cirurgias plásticas, no consumo de cosméticos e moderadores de apetite.

Com o ingresso na mulher no espaço público era comum trabalharem fora, juntamente com essa mudança na sociedade o fato da mulher menstruar não era mais visto como uma experiência ruim. Reflexo disso se deve as propagandas. Diz Sant'Anna que o absorvente feminino, lançado em 1933, na propaganda mostrava uma mulher em seu local de trabalho atendendo ao telefone no escritório, por exemplo. As palavras do anúncio diziam o seguinte:

Entre marcar consultas, atender clientes, fazer relatórios — mal me sobre tempo para pensar. Por isso, sou fã de Modess. Durante “aqueles dias”, confio na superabsorvência de Modess para evitar manchas embaraçosas. É tão macio, adapta-se tão bem ao corpo, que garante completo conforto e segurança. (SANT'ANNA, 2014, p. 85).

Na década de 1940, o mercado norte-americano se destinou aos adolescentes. Viram ali um atraente e lucrativo mercado. Segundo Sant'Anna (2014), a imprensa dizia que os jovens tinham uma maneira própria de viver a vida. Na década de 1960, os jovens nos EUA, somavam 25 milhões, no Brasil esses números chegavam a 18,5 milhões. A publicidade tornou-se específica, entendiam que os jovens naquele momento estavam aptos a consumir. Esse mercado abrangia roupas, comida, música. Agora jovens e velhos tinham temas distintos na imprensa e produtos específicos a consumir. Para a autora (2014, p.109) —o consumismo oferecia o contrapeso para o tumulto e a rebelião: foi o jeito americano de desviar sem causar danos à energia destruidora dos jovens. Isso não foi diferente no Brasil.

Com a aparente —libertação do corpo, na década de 1970, convicções sobre sexualidade consideradas antiquadas deram lugar às revoluções sexuais, da autonomia da mulher sobre o seu corpo, etc. Corpos nus, sutiãs queimados e o uso do anticoncepcional estavam em voga. Novos cuidados com o corpo surgiram.

Nos anos de 1980, com mais intensidade, outro mercado surgiu - o das academias; corpos malhados, esportes radicais, etc., que começaram a alavancar a indústria da beleza ligada à saúde do corpo forte, como a indústria de alimentos, cosméticos e de roupas para este novo movimento. O sinônimo de juventude estava ligado a esse novo estereótipo; a versão atlética gerou uma motivação de competitividade tanto nos esportes quanto nos negócios. —Entretanto, a versão atlética do corpo e da vida que contagiava homens e

mulheres de todas as idades, fornecia um grande charme ao estilo empresarial, aliando competição esportiva à competição nos negócios.‖ (SANT'ANNA. 2004, p. 190).

Da mesma forma que em Marcuse, o corpo era objeto tecnizado que obedecia as leis da ciência, portanto, os termos como eficiência, agilidade, flexibilidade, faziam parte da apreensão da máquina ao mundo, que tendiam a administrar e programar a vida. Era esperado que o corpo com a técnica fosse um só: homem-máquina (não era possível saber onde terminava e começava o outro). Esse pensamento exigiu que o homem-máquina fosse submisso à racionalidade tecnológica (MARCUSE, 1973). O comportamento e o desempenho humano foram instrumentalizados. Desse modo as apropriações de conceitos usado no mundo dos esportes faziam parte do novo estilo de vida.

A aceleração da vida colocava no terreno do feio e do atraso aqueles que não conseguiam _ir mais rápido_, _flexibilizar regras_, ser _performático_, polivalente, leve, descontraído, e em breve, se exigiria, também, que este corpo estivesse cada vez mais conectado. [...] Tornava-se evidente, portanto, que o corpo havia sido liberado e redescoberto ao mesmo tempo em que ele não cessava de ser recodificado e confrontado a novos riscos, a centenas de formas de comércio, de redesenho e de _turbinação_ (SANT'ANNA. 2004, p. 190-191)

Até meados dos anos 2000, a cultura de corpos turbinados e malhados continuou, principalmente com a divulgação de uma cultura popular em voga; —garotas superpoderosas‖. Os corpos extremamente visados nas revistas, nos carnavais, no baile funk, em programas de televisão, como modelo a ser seguido. Corpo conquistado mediante grande sacrifício e disciplina de exercícios físicos, dieta rigorosa e treinos incessantes.

Segundo Vaz (2004), Adorno já destacava a afinidade do esporte com a técnica. De forma que o ser humano não faria mais diferença entre si e a máquina, nesse caso a técnica seria uma organização do sofrimento. O corpo nessa lógica capitalista se tornou um instrumento técnico, expressão da natureza dominada.

Como mediação tecnológica entre o ser humano e seu corpo é que as atividades esportivas, levadas às últimas consequências, perpetuam a reificação, de forma que não é possível, por mais que se exercite, superar o estado de morte atingido pelo corpo. Ao contrário, quanto mais ele é exercitado mais é desqualificado como matéria manipulável, quanto mais separado da instância *não corporal*, mais reificado e portanto *sem vida*, se torna (VAZ, 2004, p. 24).

Conforme Sant'Anna (2004), há um paradoxo, quanto mais o indivíduo valoriza o corpo mais ele se sente coagido, alvo de preocupações e responsabilidades. O culto ao corpo se transformou em um mercado empresarial, provocando consequências como estresse,

depressão e compulsão, diante dessa necessidade —vitall que se tornou o corpo, como único meio de se conquistar o bem estar.

Pois a mesma engrenagem que suga energia dos corpos, na vida cotidiana, vai prometer recriá-la por meio do estímulo ao consumo. Não um estímulo que aqueça uma distribuição igualitária de renda e das possibilidades reais de consumir, mas um estímulo em consumir não importando por quais meios e por qual preço. O primeiro problema nesse caso é fazer com que o consumo de produtos e servidos para corpo, no lugar de ser mais um aspecto das atividades humanas, transforme-se no único meio de conquistar bem-estar. (SANT'ANNA, 2004, p. 193).

Essa conquista se realizava por meio do consumo. O mercado, através da manipulação comercial, bombardeava com novos produtos o tempo todo, reprimindo e estimulando para a compra de novos produtos, mas a alegria e satisfação que eles produzem são de curto prazo propositadamente. O sistema capitalista produz necessidades que precisam ser satisfeitas, conforme um padrão. O sistema em que se insere o corpo produz necessidades passíveis de serem satisfeitas para além do biológico – as falsas necessidades (Marcuse, 1973). Sendo assim.

Imperativo da juventude, prazer sem trégua, alegria sem escalas e em curto prazo e aumento de responsabilidade: essas tendências foram historicamente construídas. E foram construídas por meio da progressiva transformação do corpo (humano e não humano) em material essencial de manipulação comercial, não apenas como gerador da força de trabalho, mas também como espaço de experiências para a exploração mercadológica da vida. (SANT'ANNA, 2004, p. 193).

As necessidades que os indivíduos pensam ter são predeterminadas por forças externas a eles e sobre as quais não têm controle algum, como diz Marcuse. Estas necessidades, mesmo que se identifiquem com elas e achem que elas fazem parte da condição de sua existência, elas fazem parte da reprodução do capitalismo.

Segundo Couto (2007), o culto ao corpo além de um estilo de vida é um estilo de vida técnico-científica. O corpo é um objeto que precisa de intensas atualizações para se adaptar à promessa de uma vida feliz e longa. Para Couto, o corpo é o principal objeto de consumo do capitalismo avançado.

Vivemos uma época de importantes conquistas técnicas-científicas [...]. Estas conquistas, no entanto, são sempre acompanhadas de estratégias que consideram o corpo na sua materialidade, em fragmentos, como mercadorias que devem circular e abastecer um novo mercado consumidor. A compra e venda de órgãos, sangue, tecidos vários, gametas e embriões, não são próprios da nossa época, mas parece que nunca o uso do corpo humano como mercadoria foi tão intenso e evidente. (COUTO, 2007, p. 49-50).

Conforme o autor, as antigas formas de comercialização do corpo não desapareceram, apenas foram reconfiguradas desenvolvendo novos mecanismos. Em uma

sociedade onde a cultura hedonista sobrevive da busca pelo desenvolvimento pessoal e bem estar, a mercantilização do corpo ganha força, pois o corpo precisa ser permanentemente modificado sempre dando lugar as concepções sociais mais valorizadas no momento.

Essa é a lógica do consumo - tudo deve ser descartado e incessantemente substituído. Sant'Anna diz que a fugacidade da vida sustenta um ideal de um corpo belo e de uma vida feliz. As lógicas do consumo geram, segundo Marcuse (1973), a euforia na infelicidade, já que aumentam a luta pela existência. As pessoas consomem e se comportam conforme os anúncios. Assim, as necessidades aumentam para muito além do controle, embora as pessoas reproduzam e se identifiquem com a cultura do consumo. Elas, na verdade, se tornaram produtos da sociedade industrial.

O que podemos perceber é que sempre haverá repressão sobre os pensamentos. Muitos acreditam que o pensamento é livre, porém o que se acredita ser um avanço ou quebra de paradigmas, não passa de uma manipulação com um único objetivo: tornar o homem unidimensional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos ao longo do TCC que o corpo ganhou *status* de mercadoria no capitalismo. O objetivo desse trabalho era evidenciar como a racionalidade tecnológica transformou o livre desenvolvimento das faculdades humanas, a resposta que se conclui é que sim. Modifica a subjetividade dos indivíduos. Os indivíduos se identificam com essa sociedade como produtora da realidade, pois ela atende aos seus interesses. Dessa maneira, os indivíduos estão suscetíveis a validar essa racionalidade sem oposição alguma.

A busca pelo corpo ideal se tornou mais uma das necessidades superimpostas pelo sistema. Por esse ideal despende-se demasiadamente tempo e dinheiro para atingir o objetivo de uma falsa liberdade através de uma falsa consciência.

Conforme a ideologia da sociedade industrial os indivíduos são preconditionados a consumir o que o sistema decide ser desejável. É perceptível com o avanço da tecnologia que os conceitos sobre o corpo mudaram, mas o que não mudou é que o corpo continua sendo um objeto do capitalismo, como um jogo dos interesses dominantes.

O capitalismo produz uma infinidade de produtos a serem consumidos. Através dos meios de comunicação a racionalidade tecnológica consegue expandir a necessidade de sempre estar consumindo algo novo.

Desse modo, o controle social por meio das falsas necessidades reprime o desenvolvimento das faculdades humanas, impedindo uma transformação qualitativa. Sendo assim essa sociedade desenvolveu um projeto que impossibilita minimizar a labuta e a miséria, isto é, não suaviza a luta pela existência. O projeto dessa sociedade é defendido e protegido de tal modo que silencia a crítica, mas como vimos em Marcuse, a racionalidade tecnológica se transformou em uma nova forma de poder que se fortalece e se expande criando novas formas de vida. A tecnologia se tornou um universo político de dominação.

Concluimos que é possível verificar que a sociedade industrial é mesmo totalitária. Ela não domina somente pela conquista científica do homem sobre a natureza, mas do homem sobre ele mesmo. O indivíduo se tornou um objeto a ser explorado e seu corpo uma mercadoria útil para a reprodução do sistema.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. O Desaparecimento dos Monstros. In: MIRANDA, Danilo S. (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; SESC/SP, 2004.

_____. O corpo anormal — História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; Vigarello Georges. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar - o século XX*. Trad. Epharain Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana (Org). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GOELLNER, Silvana; NUNES, Cláudio. O espetáculo do ringue: o esporte e a potencialização de eficiente corporais. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana (Org). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LIMA, Homero Luís Alves. Corpo *cyborg* e o dispositivo de novas tecnologias. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana (Org). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SANT'ANNA, Denise B. Ética e cultura corporal: do culto do corpo as condutas éticas. In: MIRANDA, Danilo S. (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; Sesc/SP, 2004.

_____. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA FILHO, Adauto L. da. A transmutação da razão na sociedade tecnológica segundo Marcuse. In: CARVALHO, Marcelo. (Org.). *Teoria Crítica*. São Paulo: ANPOF; 2015.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. *Tecnologia, guerra e fascismo: coletânea de artigos de Herbert Marcuse*. In: KELLNER, D. (editor). São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MOULIN, Anne M. O corpo diante a medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; Vigarello Georges. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar - o século XX*. Trad. Epharain Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; Vigarello Georges. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar - o século XX*. Trad. Epharain Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

SONH. Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; Vigarello Georges. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar - o século XX*. Trad. Epharain Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; Vigarello Georges. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar - o século XX*. Trad. Epharain Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.